

Folha de S. Paulo

4/6/1984

Embuste e força

Marilena Chauí

Costuma-se definir o tecnocrata como aquele que tendo um pé numa bacia d'água fervente e outro numa d'água gelada considera a "média muito boa" — mais ou menos como a executiva do FMI que olhando a inflação e o arrocho salarial envia mensagem ao Grão Senhor declarando que "vai tudo muito bem". Infelizmente o riso foge quando lembramos que essas medianas inteligências da média não têm os pés metidos em bacias, mas pisoteando a população brasileira, submetida ao mais inacreditável processo de dizimação lenta, gradual e segura. Transição da semi-vida à morte.

Corpos esquálidos, olhos fundos, bocas entreabertas, pés descalços, roupas em frangalhos, desespero e dor — essas as imagens que os meios de comunicação mostram num crescendum assustador. Crianças, velhos, mulheres, adolescentes nos semáforos, esmolando ou oferecendo quinquilharias. Corpos enrolados em trapos e jornais, desfalecidos sob pontes, viadutos e marquises. Retirantes flagelados. Posseiros assassinados. Bóias-frias em revolta sob toneladas de cana ou de laranja. Dez milhões de desempregados. Dez milhões de subempregados, recebendo menos de meio salário-mínimo. Famílias nordestinas vivendo (?) com Cr\$ 15 mil mensais. Crianças doadas pelos pais à Febem e similares. Desnutrição e subnutrição. Morre-se de fome e perde-se, aqui, o único e fundamental dos direitos inalienáveis o direito à vida. Ignomínia no País das "negociações". Crapulice. Indecência.

Na semana que passou, esta "Folha" publicou reportagens e artigos sobre a miséria em suas múltiplas formas: família à míngua nas favelas paulistanas (repetição das favelas que cobrem o País inteiro); abandono e desespero no Vale da Ribeira; 424 novos conflitos de terra, posseiros e sindicalistas assassinados em tocaias de jagunços, terras desapropriadas para "grandes obras", como barragens no Interior da Bahia e do Rio Grande do Sul, ou plantas fabris como a Alcoa no Maranhão, ou o projeto Carajás Agrícola em Goiás, aumentando o número dos sem-terra bóias-frias, super-explorados como Guariba, Bebedouro, Sertãozinho e o resto do Interior Paulista o provaram. Nesse quadro, inscrevem-se as duas reportagens mais alarmantes: a da previsão da morte de 143 mil crianças no Nordeste, neste ano, e a de 10 milhões de nordestinos, nos próximos cinco anos. Genocídio, como declarou o bispo-auxiliar de Fortaleza. Médicos e nutricionistas apresentam os resultados generalizados da desnutrição, no caso dos sobreviventes (atualmente já entrando na vida adulta): raquitismo, cegueira, falta de imunidade às doenças, debilidade mental, perda frequente da consciência, loucura. Os que não morreram e os que não morrerem, a isto se reduzem.

Com desdém face aos mortos-vivos, as medianas medidas mediadas da medição negociada falam em reaquecimento da economia, queda da inflação e do desemprego, retomada do desenvolvimento. Desenvolvimento do quê? Da indústria de papel para atender ao consumo de guias de atestados de óbito? E para esse desenvolvimento que tem gente querendo se prorrogar por aí? É o número de mortos que estão negociando?

Alguém escreveu, certa vez, que a arte da mentira é universal no tempo e no espaço, mas que o mentiroso (aquele que consegue enganar manipulando fatos) só consegue manter o embuste até o fim passando da persuasão à violência física e psíquica. Os "resolvedores de problemas", isto é, os grandes embusteiros da sociedade contemporânea, os tecnocratas, não podem conservar a mentira sem recorrer à força, mas antes de lá chegar montam o grande teatro da "negociação", — aviso prévio de que não arredarão pé de suas posições fortificadas.

Fortificações que tenderão a ser cada vez mais ostensivas quando mais enfraquecido estiver o poder do embuste. Estamos chegando lá...

À noite, ouvindo gemidos de mulher e filhos, estonteado de fome e de horror quanto ao dia seguinte, o camponês nordestino diz sentir "como se um parafuso entrasse na minha cabeça". Os embusteiros pretendem dar a última volta no parafuso. Vamos deixá-los de chave-de-fenda nas mãos?

(1º Caderno — Página 2)